



36º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

Águas de Lindóia | SP 21 a 25 de outubro 2012

Grupo de Trabalho 06 - Desigualdade e estratificação social

Sociabilidade e território: o cotidiano do negro em Londrina-PR

Alexsandro Eleotério Pereira de Souza

Sociabilidade e Território: o cotidiano do negro em Londrina

Resumo

Diante de um contexto que segregava a população negra¹ aos bairros periféricos, causando desigualdades raciais, como resultado de uma sociedade brasileira estruturada sob os alicerces dessa desigualdade, este trabalho analisa como se desenvolve a sociabilidade cotidiana dos negros em Londrina, no Paraná. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado o método qualitativo mediante a realização de entrevistas em profundidade, com moradores negros residentes em duas regiões antagônicas da cidade, centro e periferia. Também foi utilizada a metodologia quantitativa, com a utilização de dados secundários, produzidos pelo IBGE, sobre a situação socioeconômica e geográfica da população negra no Brasil e, especificamente, em Londrina. Os resultados mostram que, independente dos bairros habitados, da situação econômica ou da trajetória social e profissional, os negros se sentem inferiorizados e tendem a criar mecanismos para superar os problemas de sociabilidade causados pelo racismo e pela estratificação social vivenciada nesta cidade.

Palavras-chave: Racismo, Território, Sociabilidade, População negra.

¹ Somatória de pretos mais pardos, segundo classificação do IBGE.

Introdução

A população negra² em Londrina - cidade localizada ao norte do estado do Paraná - é representada por 26,07% do total de habitantes, conforme dados do Censo 2010³. Todavia, a vivência pessoal nos leva a percepção de que o referido contingente populacional está significativamente em menor representação nas regiões centrais e em maior concentração nas regiões periféricas desta cidade. A *priori*, este trabalho baseou-se em pesquisa teórica sobre as relações étnico-raciais no Brasil e posteriormente nos fatores históricos que levaram o Paraná a ser classificado como o terceiro estado brasileiro com a menor proporção de negros entre seus habitantes - 24,9%⁴.

Segundo Roger Bastide, as relações étnico-raciais e os problemas relativos à inserção do negro no período pós-abolição, estão no cerne das preocupações das ciências sociais desde seu surgimento na América Latina e, especificamente no Brasil:

La sociología latinoamericana del siglo XX, en gran parte, es continuación de la sociología del siglo XIX. La abolición del estatuto colonial, la supresión de la esclavitud y las crisis económica consecuente – especialmente en el Brasil y en las Antillas –, así como las dificultades que encontraron las economías locales para adaptarse al ritmo de la economía capitalista, produjeron un caos de ideas y de sentimientos (BASTIDE, 1947)⁵.

Infere-se, portanto, que o caos de ideias e sentimentos causados pela disparidade entre negros e brancos não constitui preocupação recente, mas antiga e cara à sociologia. Esta preocupação permanece manifesta, até a época atual, em trabalhos elaborados por importantes atores do cenário intelectual brasileiro. Todavia, os estudos financiados pela Unesco⁶ – na década de 50 do século XX – dão tônica e, por conseguinte, maior visibilidade as relações desiguais ainda existentes entre negros e brancos no Brasil.

² Somatória de pretos mais pardos, segundo classificação do IBGE.

³ Estudo estatístico referente aos dados sociais da população brasileira, realizado no âmbito do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

⁴ Dados produzidos pelo PNAD 2009, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pr>.

⁵ In: Georges Gurvitch e Wilbert Moore (orgs.) *Sociología del Siglo XX*. Barcelona: Librería El Ateneo Editorial, 1964, p. 116.

⁶ Após a Segunda Guerra Mundial, a Unesco, órgão das Nações Unidas, financiou uma série de pesquisas a respeito das relações raciais no Brasil. Tal iniciativa tinha como fulcro a crença de que o país representava neste aspecto um cenário singular, onde os contatos entre brancos e negros tenderiam para a harmonização, visão que teria sido consagrada pelos trabalhos de Gilberto Freyre.

A população negra presente na região sul - local que apresenta a menor proporção do referido contingente -, está distribuída da seguinte forma: o Paraná é o estado com maior numero de negros na região sul, 24,9% do total de habitantes; o Rio Grande do Sul é o segundo com 18,7% e Santa Catarina é o estado com a menor proporção de negros, com 12,6%⁷ do total de habitantes. Infere-se a partir dos dados citados que, mesmo estando à população negra em proporção inferior em relação à população branca nos referidos estados, não respalda o senso comum, que crê na inexistência de negros no Sul do país. Logo, a invisibilidade histórica e social sofrida por este segmento populacional não pode ser justificada pela quantidade numérica, sobretudo no Paraná. O racismo e a discriminação racial, segundo Hasenbalg, devem ser considerados quando se analisa os dados sobre as desigualdades raciais no Brasil. A persistência da desigualdade pode se manifestar e ser constatada em diversos aspectos sociais e um deles é a segregação urbana⁸. Percebe-se que existe a estigmatização dos territórios onde há prevalência da população negra, provocando certa invisibilidade e contribuindo na manutenção do sentimento de inferioridade. Segundo Maria Nilza da Silva:

No Brasil (...), jamais existiu uma separação oficial como nos Estados Unidos. Mas os estudos mostram que as políticas urbanas que vêm sendo implementadas ao longo de toda a história da cidade priorizam as regiões que concentram a população com alto poder aquisitivo, em detrimento, salvo raras exceções, daquelas áreas destinadas aos pobres e notadamente aos negros que estão na base da pirâmide social. (SILVA, 2006; 23).

A constatação deste contexto nos leva à seguinte questão: como se desenvolvem as relações cotidianas e a sociabilidade de pessoas negras em territórios onde há a predominância de pessoas brancas? Assim como em territórios periféricos, onde a quantidade de pessoas negras, como constatado de forma empírica⁹ e também teórica (HASENBALG, 2005. SILVA, 2006) é superior? Com o objetivo de responder essas e outras questões foram selecionados alguns indivíduos, constituintes da população negra londrinense, divididos em dois grupos. Um formado por negros residentes em bairros mais consolidados, ou aqueles considerados os melhores para se

⁷ Idem.

⁸ Hasenbalg, 1979.

⁹ SOUZA, Alexsandro Eleotério de. Sociabilidade e território: uma análise do cotidiano dos negros em Londrina. MIMEO: Trabalho de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Londrina. Anais EAIC, 2009. Disponível em: <http://www.eaic.uel.br/artigos/CD/4490.pdf>.

viver¹⁰ - Centro, Gleba Palhano e jardim Alto da Boa Vista - e outro formado por negros moradores em bairros periféricos e marginalizados, ambos situados na cidade de Londrina, no Paraná.

Foi utilizado o método qualitativo mediante a realização de entrevistas em profundidade, com moradores negros residentes nos dois polos da cidade, centro e periferia, cuja separação se dá por limites físicos e geográficos, mas, sobretudo, pelo acesso e o não acesso à infraestrutura. Constatou-se, já em um primeiro momento, que haveria necessidade de selecionar maior quantidade de bairros centrais pelo fato de que nestes a presença da população negra é reduzida. Todavia, como já exposto anteriormente, a população negra está numericamente “melhor” representada em áreas periféricas, o que nos possibilitou a quantidade necessária de entrevistas em um único bairro - Jardim União da Vitória. Desta forma, por meio da estratégia “bola de neve”, foram realizadas cinco entrevistas com moradores de áreas centrais e dez com moradores da área periférica.

A fundamentação teórica desta pesquisa está orientada por teorias e conceitos sobre as relações raciais, uma das referencias da sociologia neste tema foram os estudos desenvolvidos no âmbito da UNESCO, neste trabalho priorizo os estudos de Florestan Fernandes e Roger Bastide. Numa perspectiva mais atual, na década de 70, os estudos de Hasenbalg mostraram que, embora o desenvolvimento socioeconômico as desigualdades raciais permaneceram constantes; No tema referente ao território, os trabalhos de Milton Santos sobre a constituição do Cidadão, por meio dos espaços ocupados, iluminam as análises sobre a segregação racial no Brasil. Junto a estes foram utilizados outros referencias teóricos não menos importantes, citados na parte bibliográfica deste trabalho.

Por fim, esta pesquisa conta também com a perspectiva quantitativa, por meio da utilização de dados secundários, produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre a situação socioeconômica e geográfica da população negra no Brasil, e especificamente em Londrina, bem como trabalhos acadêmicos, que versam sobre a população negra londrinense.

¹⁰ No caso londrinense aqueles mais próximos ao centro da cidade.

A sociabilidade e a “construção” da identidade

Cada indivíduo, a partir de suas experiências pessoais, constrói um mundo simbólico com o qual articula o mundo real. É a partir dessa articulação que ele irá desenvolver suas referências de mundo e de si mesmo, tais como conceitos, crenças, ideias, atribuições sobre si e sobre seu meio, tornando-se capaz de reconhecer a si e ao outro (GEERTZ, 1978). Tanto o indivíduo quanto a sua percepção de realidade são constituídos por relações interpessoais e essas relações são mediadas por crenças, padrões, práticas e normas da sociedade, e esta, por sua vez, construída pelo indivíduo, num processo contínuo de elaboração (ELIAS, 1994).

Os indivíduos, em função de suas concepções de realidade - constituídas em meio a um território - constroem e desenvolvem uma sociedade e uma cultura específica nas quais se inserem. O todo e as partes se influenciam mutuamente, ou seja, as concepções de realidade constituintes do mundo simbólico pessoal são desenvolvidas socialmente. Assim, o homem está em constante construir-se, bem como a sociedade que o constrói e o meio no qual está inserido (ELIAS, 1994). Desta forma a identidade é uma construção que reflete um processo constante de transformação, sempre associada a mudanças de referências e a novas construções da realidade por parte dos indivíduos, determinadas por sua participação em certos processos provocadores de impacto existencial¹¹. Mais do que semelhança com determinado grupo de referência, a identidade é uma referência em torno da qual a pessoa se constitui, pela relação que desenvolve com os outros.

No caso do negro, suas construções simbólicas, muitas vezes são frutos da negação da importância da negritude¹² na identidade do brasileiro e do modelo europeu como referência, ou seja, estão quase sempre relacionadas a valores inferiorizados e negativos. Em suma, o conceito de identidade aqui considerado é uma referência em torno da qual o indivíduo se autorreconhece e se constitui, estando em constante transformação¹³. Tal identidade, assim como as transformações que possa sofrer, é

¹¹ Ver em BRANCO FILHO, J.C.C. A Construção da Identidade: Tentativa de Empreender um Diálogo Sobre a Temática.

¹² Ver em: MUNANGA, Kabengele. Negritude: Usos e Sentidos, 2^a ed. São Paulo: Ática, 1988. LARANJEIRA, Pires. *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995.

¹³ Ver em MENESTRINO, F.R.P e SANTOS, Suely de Oliveira. Reflexões Sobre a Construção da Identidade do Afro- Brasileiro: Negro ou Moreno. e HALL, Stuart “A identidade cultural na pós modernidade”. DP&A, Rio de Janeiro 2002.

possibilitada pela interação social, indispensável aos indivíduos, e, forma mais elementar de um sistema social. Para Parsons e Shill, a interação social tem como principal característica a orientação dos indivíduos:

Em sua interação, tanto o *ego* como o *alter* constituem, cada qual, um objeto de orientação para o outro. As diferenças básicas de orientações com relação a objetos não-sociais são duas. Primeiro, como os resultados da ação do *ego* (por exemplo, lograr atingir um objetivo) dependem da reação do *alter*, o *ego* orienta-se não apenas pelo provável comportamento *manifesto* do *alter* mas também pela interação que faz das expectativas do *alter* com relação a seu comportamento, uma vez que o *ego* espera que as expectativas do *alter* influenciarão seu comportamento (PARSONS e SHILL, in CARDOSO E IANNI, 1977:125).

Nesse sentido a identidade é formada, sobretudo, pelo convívio com os demais indivíduos, tendo por consequência a inevitabilidade da sociabilidade, que vem a ser a propensão de um indivíduo para o convívio em sociedade, em particular em meio a determinado grupo. Para Baechler:

(...) a sociabilidade pode traduzir-se em agrupamentos formais e organizados. Podendo constituir unidades do ponto de vista jurídico e administrativo, mas cuja finalidade própria é a de propor a seus membros espaços sociais, onde possam alcançar, cada um por si e todos em conjunto, determinados objetivos específicos, o principal deles podendo ser muito simplesmente o prazer de estar juntos (BAECHLER, 1996: 82).

Desta forma, a sociabilidade é a capacidade que temos de nos integrar a uma “tribo”, pertencendo assim a este grupo social. Para melhor exemplificar apresentarei algumas formas de expressão de diferentes tipos de sociabilidade, a saber: os punks, os surfistas, as torcidas organizadas de futebol, gangues da periferia urbana, entre outros. São as afinidades ou interesses em comum que fazem com que se reúnam. Baechler explica que:

Por um lado, a civilidade/sociabilidade impede que em seu âmbito se trate de assuntos profissionais, confessionais, políticos ou outros, ainda que possam ser objeto de conversas gerais ou que seja possível encontrar a eventual solução através de conversas particulares. Por outro lado, os indivíduos devem, na medida do possível, impor silêncio a seus humores e problemas pessoais, e amenizar com tato as asperezas de sua personalidade e os traços extravagantes de seu personagem social. Cada um deve, de algum modo, oferecer-se aos outros como membro aceitável de um círculo de civilidade, o que significa que todos devem desenvolver traços comuns, que os definem como oriundos de uma determinada

sociedade. É por essa razão que a civilidade se baseia na igualdade e até, em certa medida, na identidade dos participantes. Por conseguinte, os critérios de recrutamento são muito rigorosos, uma vez que só indivíduos do mesmo mundo poderão ser suficientemente semelhantes entre si para criarem seu “mundo” (BAECHLER, 1996: 82-83).

Entende-se, portanto, que para que um indivíduo adentre a uma “tribo”, o mesmo tem de ser aceito pelos membros que a formam. Podemos citar como exemplo a mudança de um indivíduo negro, da periferia para um bairro central, cuja peculiaridade se dá pela boa infraestrutura¹⁴. Mesmo tendo o indivíduo poder aquisitivo suficiente para residir em tal bairro, o mesmo pode vir a não ser aceito pelo grupo, por causa do racismo¹⁵, sendo assim deslegitimado como pertencente aquele grupo pelos demais moradores. Daí a necessidade de se considerar, no caso dos negros, o problema do racismo, que dificulta sua sociabilidade junto aos demais.

Ao observar a cidade de Londrina, o espaço ocupado por pessoas negras¹⁶, e a bibliografia sobre segregação e território, é possível perceber que a realidade do negro nesta cidade se assemelha à realidade vivenciada em cidades mais tradicionais, como Rio de Janeiro e São Paulo. Tal fato faz com que mesmo depois de 120 anos da abolição da escravatura a população negra continue segregada nas periferias da cidade. Para Maria Nilza da Silva:

O lugar urbano e social que o negro ocupa não é o mesmo do branco. A separação é evidente, embora haja um permanente controle para que possa parecer que todos têm o mesmo tipo de acesso a algo de interesse (2006; 70).

Vemos desta forma, que mesmo sendo Londrina uma cidade relativamente nova em comparação a outras metrópoles brasileiras onde a disparidade entre negros e brancos têm raízes ainda no século XIX, esta por sua vez se vê sucumbir a uma realidade de preconceito racial, característica essencial da sociedade brasileira¹⁷.

¹⁴ Bairros com melhor infraestrutura são melhores valorizados, econômica e socialmente, o que por sua vez possibilita a seus moradores maior status social.

¹⁵ Silva, 2006.

¹⁶ SILVA, Maria Nilza da. Laranjeira, Pires. **O lugar da População Negra Numa Cidade Brasileira: Londrina espaço de segregação e resistência.** Trabalho apresentado no VI Congresso Português de Sociologia- Mundos Sociais: Saberes e Práticas.

¹⁷ Hasenbalg, 1979.

Território, sociabilidade e segregação

Considerando o pensamento de três autores da denominada escola sociológica francesa, Durkheim, Mauss e Halbwachs, o espaço pode ser definido por “duas construções sociais conceituais e metodológicas que ainda hoje pode ser tidas como referência: o espaço pensado como uma representação e o espaço pensado como uma realidade material” (SILVANO, 2007: 07). Segundo Émile Durkheim tais espaços são divididos por uma linha tênue, subjetivamente construída pelos indivíduos que constituem determinada sociedade:

(...) essas divisões, que lhe [ao espaço] são essenciais, de onde lhe vêm elas? Por si próprio o espaço não tem nem direita nem esquerda, nem alto nem baixo, nem norte nem sul, etc. Todas essas distinções vêm evidentemente do facto de serem atribuídos às regiões valores afectivos diferentes. E como todos os homens de uma mesma civilização representam o espaço da mesma maneira, é evidentemente necessário que esses valores afectivos e as distinções que deles dependem lhes sejam igualmente comuns; o que implica, quase necessariamente, que são de origem social (DURKHEIM, E., *Apud*. SILVANO, 2007:09).

Entende-se desta forma, que o espaço é dado, não sendo passível de mudanças, por meios sociais. Já a delimitação e utilização desse espaço, o constitui em territórios, sendo esse, aquele que sofre a ação humana, de forma secular, guiado por peculiaridades intrínsecas a cada sociedade. Desta forma, cabe ao indivíduo sua adequação a determinado território. Para que tal adequação ocorra há a necessidade de que o indivíduo venha a conhecer e a aceitar as regras pré-estabelecidas no interior do território, tais regras são denominadas por Milton Santos de “modelo cívico”:

O modelo cívico forma-se, entre outros, de dois componentes essenciais: a cultura e o território. O componente cívico supõe a definição prévia de uma civilização, isto é, a civilização que se quer, o modo de vida que se deseja para todos, uma visão comum do mundo e da sociedade, do indivíduo enquanto ser social e das suas regras de convivência (SANTOS, 1987:17).

Segundo Milton Santos¹⁸, território, cultura, economia e política, são conceitos necessários para a compreensão do funcionamento do mundo social globalizado. Para Santos, é no território que as pessoas têm a possibilidade de exercer seu direito enquanto cidadãs, pois é em um território dotado de preceitos próprios que

¹⁸ SANTOS, 1987.

temos a capacidade de reivindicar direitos tais como saúde, segurança, lazer, educação, enfim, direito constitucional às mínimas condições de sobrevivência segundo nossa cultura ocidental, e regida pela constituição brasileira de 1988. Contudo Santos nos alerta para a seguinte problemática:

A plena realização do homem, material e imaterial, não depende da economia, como hoje entendida pela maioria dos economistas que ajudam a nos governar. Ela deve resultar de um quadro de vida, material e não material, que inclua a economia e a cultura. Ambos têm que ver com o território e este não tem apenas um papel passivo, mas constitui um dado ativo, devendo ser considerado como um fator e não exclusivamente como reflexo da sociedade. É no território, tal como ele atualmente é, que a cidadania se dá tal como ela é hoje, isto é, incompleta. Esta, cidadania, pode ser entendida como (...) uma lei da sociedade que, sem distinção, atinge a todos e investe cada qual com a força de se ver respeitado contra a força, em qualquer circunstância (SANTOS, 1987; 18-19).

Conclui-se, portanto, que é no território que o indivíduo tem a possibilidade de se desenvolver, física e psiquicamente, além de se sociabilizar, estabelecer contatos mais próximos e escolher os grupos ao qual deseja se socializar - necessidade inerente aos seres humanos ¹⁹. Todavia, é neste mesmo espaço territorial que se diferenciam cotidianamente:

(...) o espaço público não mais se relaciona ao ideal moderno de universalidade. Em vez disso, ele promove a separação e a ideia de que os grupos sociais devem viver em enclaves homogêneos, isolados daqueles percebidos como diferentes. Consequentemente, o novo padrão de segregação espacial serve de base a um novo tipo de esfera pública que acentua as diferenças de classe e as estratégias de separação. (...) O principal efeito da legislação urbana inicial foi estabelecer a disjunção entre um território central para a elite (o perímetro urbano), regido por leis especiais que eram sempre cumpridas, e as regiões suburbanas e rurais habitadas pelos pobres e relativamente não legisladas, onde as leis eram cumpridas com menos rigor (CALDEIRA, 2000; 212 e 216).

Entende-se, portanto, que uma mudança de região implica que o indivíduo tenha que se adequar à sua “nova” realidade, um novo cotidiano e novas leis, o que por vezes acaba por escamotear a verdadeira dificuldade de sua sociabilidade junto aos demais. Tal ocorrência se dá, sobretudo, pelo fato de o indivíduo estar preocupado com a compreensão e o respeito das “novas” leis com quais se defronta, não reconhecendo as subjetividades que as subjazem, disseminadas por toda a sociedade. Desta forma, a

¹⁹ Ver em Durkheim, 1893.

consciência de si e da sociedade racista que o rodeia, são os únicos meios para que o indivíduo negro não sucumba à nova realidade.

Sociedade, indivíduos e cotidiano

Segundo o sociólogo alemão Norbert Elias, a sociedade é algo abstrato, o que de fato existe são os indivíduos que a constituem. Estes, por sua vez, independentemente de poder econômico ou prestígio social, a tornam real, e ao darem “vida” à determinada sociedade acabam por aderirem e a se submeterem involuntariamente às suas regras, criadas por outros indivíduos, sejam eles contemporâneos ou não. Para Elias “(...) o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da constelação histórica em que ele vive e age.” (1994: 49), logo para o referido autor:

(...) até a função social do escravo deixa algum espaço, por estreito que seja, para as decisões individuais. E inversamente, a possibilidade de um rei ou um general influenciar seu destino e o de outrem por suas qualidades pessoais costuma ser incomparavelmente maior que a dos indivíduos socialmente mais fracos de sua sociedade (1994; 49-50).

Esta possibilidade que os indivíduos têm de influenciar a vida cotidiana de outros, é o que permite que aquilo a que denominamos sociedade tenha tamanha importância para a vida coletiva. Para Elias não há possibilidade de que um indivíduo tenha uma ação, seja esta em favor de si mesmo, ou em detrimento de outros, individualmente, pois ele precisa do consentimento de outros indivíduos para que tomada de tal ação tenha validade.

O contexto histórico-social da população negra brasileira faz com que aqueles indivíduos cujo estereótipo se assemelha ou porta traços negros, estejam em condições sociais vulneráveis. O senso comum, por meio da apreensão da realidade de exclusão social vivenciada pela população negra e já há muito evidenciado formalmente por teóricos²⁰, sobretudo, das ciências sociais, já assimilou que tal imagem traz consigo grandes desvantagens sociais. Esta perspectiva faz com que parte daqueles que se utilizam desta forma de conhecimento, não se identifiquem como negros, ao perceber que, em muitos momentos do cotidiano social, essa identidade pode favorecer uma

²⁰ Ver em: Bastide e Fernandes, 1955; Hasenbalg, 1979; Silva, 2006.

imagem negativa e inferior perante os demais. Tal inferioridade causa além da desvantagem social, problemas de cunho emocional, entre eles a baixa autoestima, além do desconhecimento de si e de seus limites.

A herança de uma cultura racista, herdada de uma estrutura cujo fulcro se baseava no trabalho escravo e na ideia de superioridade dos brancos, persiste até a atualidade:

(...) esta “sociedade” que compomos em conjunto, que não foi pretendida ou planejada por nenhum de nós, nem tampouco por todos nós juntos! Ela só existe porque existe um grande número de pessoas, só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular (ELIAS. 1994: 13).

Por meio da intencionalidade verificada no excerto acima, nos é possível a percepção de que a falta de consciência, sobretudo, social e histórica acaba por “atualizar” a sociedade sob o paradigma de uma tradição escravocrata. Tal atualização não se dá de forma explícita, mas sim implícita, devido aos vínculos sociais constituídos pelos indivíduos ao longo de suas respectivas vidas:

A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis. Por nascimento, ele está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida; deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e, talvez, desenvolver-se mais, com base nele. Até sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que recebe (ELIAS, 1994: 21).

Com base em tal ordem invisível, gera-se uma necessidade na qual o indivíduo por si só se vê obrigado a criar meios, ou mecanismos para sua inserção nesta ordem. Este, por sua vez se utiliza das “ferramentas” que lhes são acessíveis, e pelo fato de em muitos momentos não contar com a possibilidade de argumentos válidos para se contrapor cientificamente a questões cotidianas, acabam por se “servir” de argumentos distorcidos e desatualizados.

O movimento negro, dentro do campo dos movimentos sociais civis, existente no Brasil desde o início da década de 30, do século XX²¹, objetiva a mudança do estigma pejorativo dos negros, e vem obtendo expressivos resultados em todo o território nacional. Tal movimento busca proporcionar acesso à cidadania à população negra, por meio da educação, possibilitando assim a formação de uma consciência sólida, para que possa fazer frente ao preconceito e a discriminação cotidianamente sofridos.

Realidade territorial londrinense

Após a delimitação da pesquisa, dei inicio à busca por pessoas com o perfil desejado para as entrevistas, *a priori*, com base na estratégia “bola de neve”, não fixei um número exato de pessoas a serem entrevistadas. Meus parâmetros neste momento eram a autodeclaração negra e a residência em bairros com boa infraestrutura. Não obstante, apesar dos parcisos critérios estabelecidos, encontrei grande dificuldade para localizar meus interlocutores, precisando assim da utilização de outros meios. Diante da dificuldade de encontrar pessoas que residissem nos bairros com a característica pré-estabelecida - boa infraestrutura e socialmente privilegiado - decidi encontrá-las por meio de pessoas conhecidas²² no meio social londrinense, algumas pertencentes ao meio acadêmico e outras por meio de meu vínculo social.

Ao abordar as pessoas, apresentar a pesquisa e fazer o questionamento sobre o conhecimento ou não de alguma pessoa de cor preta ou parda que residisse próximo às suas respectivas residências, as nove pessoas a quem denominei neste artigo “conhecidas”, me disseram não terem vizinhos negros.

Em um segundo momento, questionei-as sobre o conhecimento de alguma pessoa de pele preta ou parda que residisse em algum bairro londrinense considerado nobre²³, ou que fizessem parte de seu cotidiano. Oito das nove pessoas ao serem indagadas mostraram-se “inquietas” com o fato de perceberem que em seu

²¹ Ver em ALBERTI, Verena. PEREIRA, Amilcar Araujo. *Historias do Movimento Negro no Brasil*. 1º Ed. São Paulo, 2007; SANTOS, Ivair Augusto Alves dos . Movimento negro e Estado: o caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra. 1ª. ed. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo/ Coordenadoria Especial do Negro, 2007. v. um. 183p.

²² Proprietários de bares, restaurantes, boates, Professores Universitários, Advogados e Publicitários.

²³ Bairro com boa infraestrutura, e socialmente privilegiado.

cotidiano o contato com pessoas negras só se dava quando estas se encontravam submetidas a trabalhos socialmente desprestigiados, trabalhos domésticos, jardinagem, segurança, entre outros. A única a me apontar uma pessoa para a entrevista, foi minha orientadora.

Após tais dificuldades passei a procurar outras pessoas, em diferentes espaços - no trabalho, no bairro onde moro e na universidade - e, cada vez que apresentava à proposta do projeto a mesma inquietação se levantava em meus interlocutores. Em seguida eu os informava que em Londrina, 26% da população é negra, e estas pessoas, em sua maioria, ficavam ainda mais surpresas pelo fato de não se depararem com tal proporcionalidade de pessoas negras nos territórios por elas ocupados diariamente.

Por fim acabei por encontrar meus locutores através de amigos, que souberam me fazer tais indicações, sobretudo devido ao trabalho que exercem, tais como garçons, domésticas e porteiros, o que os permite contato diário com maior número de pessoas.

Educação e acesso aos territórios

Levando em consideração as características e semelhanças entre os entrevistados, é possível o entendimento de como estes negros obtiveram êxito em “romper” a barreira que segregava grande parte da população negra aos bairros periféricos e marginalizados de Londrina.

O fato de todos os entrevistados terem ensino superior completo os coloca em “vantagem” em relação ao restante da população negra, que em sua grande maioria tem menor acesso aos bancos escolares²⁴ - um dos principais motivos que levam a desvantagem econômica e social vivenciada pela referida população. No Brasil 34,1% da população possui nível superior completo, enquanto que apenas 10,0% do total da população negra possui tal nível de escolaridade²⁵. A formação em nível superior coloca os cinco negros entrevistados em proximidade, em anos de estudo, à classe média branca, maioria nas universidades. Segundo José Pastore e Nelson do

²⁴ Ver em: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, Brasília, 2005, p.7-8.

²⁵ PAIXÃO, Marcelo & CARVANO, Luiz (orgs) (2008) – Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil; 2007-2008. Rio de Janeiro.

Valle Silva (2000)²⁶, desde a década de 50, do séc. XX, a população brasileira, como um todo, passa por uma constante mobilidade social. Fatores como a forte industrialização e a crescente qualificação de mão de obra, são tidos como propulsores desta. Contudo, um dos fatores, que segundo os autores retarda a mobilidade social da população negra é a baixa qualidade educacional, pois “o núcleo duro da desvantagem que pretos e pardos sofrem se localiza no processo de aquisição educacional” (PASTORE, SILVA, 2000; 96).

Embora contem, em seus currículos, com formação universitária, ou seja, têm a mesma qualificação universitária que os demais colegas de profissão, os entrevistados dizem se sentir cobrados a desenvolver seus respectivos trabalhos com maior empenho que os demais funcionários, de pele branca, devido à cor de sua pele. Esta afirmação está presente em todas as entrevistas, mas creio que a fala de José seja a que melhor exemplifique esta realidade:

Você mostra por meio dos seus atos que você é bom profissional, que a sua cor não influência, que sua idade não influência não, preconceito só pela cor. Também por eu ser muito novo e não tem como determinar se esse tipo de preconceito foi racial ou se foi pela idade, mas alguns preconceitos a gente já encontrou pela frente (Jose, 26 anos Advogado).

Vê-se desta forma, que a aquisição de nível educacional superior não garante uma ruptura com os preconceitos e discriminações raciais cotidianamente vivenciados pelos negros, tendo estes, por vezes, que desempenhar seu trabalho com maior vigor que os demais, afim de que o mesmo não seja desprestigiado. Todavia, tem-se consciência de que o aumento de nível educacional, por meio do acréscimo da renda econômica, possibilita o acesso a territórios socialmente prestigiados e a bens de consumo, de difícil acesso à população negra.

Sociabilidade, prestígio e mobilidade social

Alem da defasagem educacional, outro fator que dificulta a sociabilidade e mobilidade social se refere aos estigmas e a falta de prestígio social a que a população negra está submetida no Brasil. Devido a estes fatores, Pastore e Silva apontam para uma mobilidade de curta distância quando se referem à mobilidade de pessoas negras. Isso se deve, segundo os autores, ao fato de o *status* do filho estar diretamente ligado ao

²⁶ PASTORE, José & SILVA, Nelson do Valle. ***Mobilidade social no Brasil***. São Paulo, 2000.

status dos pais, ou seja, quanto mais alta a posição social dos pais, maior será a de sua prole (2000; 96). Através da análise do contexto histórico vivenciado pela população negra no país, é possível a conclusão de que estes, desde sua chegada nestas terras tão inóspitas, nunca gozaram de alto *status* social, a não ser com raras exceções e de forma individual.

Com exceção de José, cujo pai também é advogado e igualmente nascido em Londrina, os pais dos demais entrevistados ocuparam e/ou ocupam profissões de baixo prestígio social - trabalho braçal em áreas rurais - e continuam residindo em cidades interioranas, vindo esporadicamente visitá-los. Os pais de Celso são do interior da Bahia, os de Vagner do Rio Grande do Norte, os de Márcia do interior de Minas Gerais e os de Maria, paranaenses. Neste último caso, são os avós que são nordestinos. Vê-se desta forma, que a matriz de quatro dos cinco entrevistados está diretamente ligada a regiões com longo histórico de escravidão do negro no Brasil²⁷.

Para o autor Carlos Hasenbalg, estudioso das relações raciais no Brasil, uma das principais causas da disparidade social entre negros e brancos está na distribuição geográfica a que ambos estão submetidos:

Uma das causas importantes das disparidades entre os grupos de cor está na sua desigual distribuição geográfica, com os não-brancos (das cores preta e parda) concentrados nas regiões menos desenvolvidas, Norte e Nordeste, e os brancos concentrados nas regiões mais desenvolvidas, no Sul e Sudeste²⁸.

Essa distribuição espacial ocasiona um cotidiano desfavorável à população negra, cotidiano este que pode ser constatado empiricamente ou por dados coletados por órgãos oficiais, tais como IBGE e a PNAD. E é por meio da análise dos dados disponibilizados por tais órgãos que Hasenbalg faz seguinte constatação:

O rendimento dos não-brancos é aproximadamente a metade do dos brancos. É claro que toda essa diferença não é devida à discriminação. Parte dela obedece à diferente dotação de recursos dos dois grupos (educação, experiência no mercado de trabalho etc.)²⁹.

²⁷ Entrevista com Carlos Hasenbalg, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000200013 visitado em 22/04/2010.

²⁸ Idem.

²⁹ Ibidem.

É importante salientar que estes dados, sobre os rendimentos de negros e brancos, constatados na década de 70 permanecem quase inalterados³⁰. Junto à situação de baixa renda a que a população negra se vê submetida, tem-se a criação de estigmas e estereótipos por parte da elite dirigente branca - sobretudo no pós-abolição - que por sua vez resultam também na edificação da desigualdade social e cultural em nossa época atual. E é com a utilização de tais mecanismos que segundo Hasenbalg, a população negra se vê limitada e impedida de maiores aspirações e sociabilidade junto à população branca:

Esses estereótipos culturais tendem a se autoconfirmar e acabam limitando as aspirações e as motivações, neste caso, das pessoas não-brancas. Em *Discriminação*.:Cf.³¹ apontava que práticas discriminatórias e estereótipos se reforçam mutuamente e levam a que muitos negros e mestiços regulem suas aspirações de acordo com o que é culturalmente imposto como o "lugar apropriado" para os não-brancos (HASENBALG, 1979).

Quando do questionamento sobre o sofrimento de discriminação racial em suas respectivas vidas acadêmica, todos os entrevistados disseram ter passado por algum episódio de discriminação, exceto José, único dentre os demais que teve a possibilidade de cursar o ensino fundamental e médio em colégio particular, colégio este que conta com algumas peculiaridades, conforme relato abaixo:

Acho que na infância não, na infância eu estudei num colégio que eu era o único negro da sala, no Instituto de Educação Infanto Juvenil em Londrina, um colégio tradicional e pequeno. Foram as mesmas quatorze pessoas durante quatorze anos, então eu era o único negro, mas nunca senti nenhum tipo de preconceito, e eu cresci junto com as crianças né? Desde o maternal, e depois no ensino fundamental fui pra um colégio maior, tinha poucos negros ,mas também não senti nenhum tipo de preconceito (Jose, 26 anos Advogado).

A escola em que José estudou tem duas especificidades: a primeira, o número reduzido de alunos por sala de aula, 14 alunos no total, e a segunda, é o fato que estes alunos estudaram juntos por longo período, proporcionando assim o fortalecimento de laços entre os alunos. A sociabilidade desenvolvida por José e seus colegas nesta escola se diferencia, em muito, daquela vivenciada pelos demais entrevistados, que por sua vez vivenciaram a realidade das escolas públicas brasileiras, ilustrada no relato de Maria, Márcia e Vagner, respectivamente:

³⁰ Ver em: PAIXÃO, Marcelo. e CARVANO, Luiz M. *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil; 2009-2010*. Disponível em: <http://www.laeser.ie.ufrj.br/>. Visitado em 29/08/12.

³¹ HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Na época de criança eu acho que sofri um pouco de preconceito, elas tiravam uma onda por causa da cor e tal (Maria, 43 anos Atleta).

Olha, é assim, o que acontece comigo é o seguinte: eu não sou assim muito encucada com essas coisas de discriminação, sabe? Tipo assim, mas a gente sofre discriminação dos outros, a gente percebe né? Talvez hoje, eu fico imaginando que o pior é que não é nem só por parte de alunos, às vezes a gente percebe até por parte de professores (Márcia, 53 anos Funcionaria Pública).

Ah! Sim, isso aí eu sempre senti e sinto até hoje, até lá no nordeste eu sentia uma e outra discriminação (Vagner, 60 anos Professor Universitário).

Nota-se, portanto, que a discriminação racial vivenciada desde tenra idade no ambiente escolar, tem significativa influência para a sociabilidade dos negros, tanto neste, quanto nos demais ambientes sociais. O comprometimento da sociabilidade junto aos demais faz com que o desprestígio e a secular marginalização vivenciados pelo negro se autopreserve, gerando um movimento cíclico de subalternização da população negra.

O Cotidiano do negro no “território branco”

Como já dito, em Londrina a população negra encontra-se em menor quantidade, contudo muito significativa (26,07%³²), todavia, grande parte desta população reside em regiões periféricas da cidade³³. Por conseguinte, as elites³⁴ locais desacostumadas com a presença de negros como vizinhos³⁵, e sim como subalternos, demonstram em determinados momentos sua discriminação para com este “novo” vizinho: *[...] e a gente sente assim também uma certa discriminação de tá morando em um bairro melhor, por conta da cor mesmo, acontece né?* (Márcia, 53 anos Funcionaria Pública).

Quando questionados sobre o sentimento de discriminação racial por seus respectivos vizinhos, os cinco entrevistados disseram nunca terem sofrido nenhum tipo de discriminação direta. Todavia, a análise dos depoimentos nos possibilita um entendimento contraditório àquele, como constado no depoimento de Márcia, residente no Jardim Alto da Boa Vista:

³² Fonte: IBGE. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?r=2&codmun=411370>. Visitado em 02/10/2011.

³³ Ver em: SILVA, Maria Nilza da. “**O negro em Londrina: da presença pioneira negada à fragilidade das ações afirmativas na UEL**”. Rev. Espaço Acadêmico, São Paulo, v. 82, 2008.

³⁴ Pessoas com renda econômica acima da média londrinense, que segundo o censo realizado pelo PNAD 2009, é superior a 10 salários mínimos.

³⁵ Devido à baixa percentagem de negros com salário superior a 10 salários mínimos. Fonte: PNAD 2009.

é... a gente percebe assim, porque na idade dele, (filho de Márcia), aqui tem muita área né? Então ele utiliza a churrasqueira, eles utilizam as quadras e a gente percebe que, eu percebi uma época que era por parte da sindica né? Aí eu tive que ter uma conversa bem séria com ela, e não era a mesma sindica que é hoje, porque a molecada faz churrasco, e tudo que acontecia de errado era ele (seu filho,) até eu dar um basta mesmo com ela porque houve caso assim de falar “ah porque foi o fulano”. Muitas vezes falavam que era coisa que era ele, e ele nem aqui estava, às vezes estava na casa da minha irmã, então assim a gente percebia que principalmente por causa da cor [...] (Márcia, 53 anos Funcionaria Pública).

Em determinado momento da entrevista, questionei-os sobre a existência de algum tipo de conflito com os vizinhos, e todos disseram já terem tido algum, segundo estes por banalidades do cotidiano. Não se pode concluir que estes se deram por preconceito racial, contudo, vale lembrar que segundo Wieviorka, “as causas do racismo são camufladas, não detectáveis aparentemente, enquanto seus efeitos são tangíveis” (1998; 32), logo, este pode ser praticado de diversas formas. Examinemos uma das entrevistas para tal entendimento. Segue o depoimento de um dos conflitos vividos por Maria:

É uma razão bem engraçada, na época morávamos aqui no condomínio, eu e meu técnico, ele morava em uma república com outros atletas, e a síndica invocou que a gente chegava do treino e ficava se alongando, ficava se expondo ali, que as pessoas passavam, que aquilo não ficava bem, e isso acabou gerando um mal estar entre a turma de atletas e a síndica. Acho que foi assim o único contratempo que eu vivi aqui, e na época a síndica não era a atual né? Era uma outra senhora que hoje por sinal é muito minha amiga né? Mas foi um descontento na hora (Maria, 43anos Atleta).

Os atletas aos quais Maria se referiu eram todos negros, segundo a entrevistada a síndica não gostava que os atletas ficassem “expostos” em áreas comuns do prédio, mesmo sendo estes moradores do condomínio.

Ainda sobre a questão do sentimento de preconceito racial, todos os entrevistados acreditam não sofrê-lo por parte de seus vizinhos, e é perceptível, por meio da análise de suas falas, que estes creem que o *status* social proporcionado por suas respectivas profissões amenize este sentimento:

Eu sou uma atleta, e fui graças a Deus uma atleta de bastante destaque, e por isso mesmo eu nunca sofri preconceito nenhum (Maria, 43 anos Atleta).

[...] aqui talvez pela minha condição de professor da UEL né? Eu vou à imobiliária, “eu sou professor da UEL”, e já vê que a gente tem um salário mais ou menos (Vagner, 60 anos Professor Universitário).

O fato de que a mobilidade social atinja apenas uma pequena parcela da população negra faz com que estes se vejam sozinhos, e mesmo quando conseguem ascender socialmente, esta ascensão não abarca amigos e familiares, apenas pais e filhos³⁶.

Quatro dos cinco entrevistados não possuem familiares, vizinhos ou amigos negros nos bairros em que residem. José é o único cuja família reside no mesmo bairro que o seu. Os familiares dos outros entrevistados moram em bairros periféricos, ou seja, Márcia, Maria, Wagner e Celso convivem com duas diferentes realidades, a de bairros permeados por uma boa infraestrutura, e aqueles cuja presença do estado é quase nula ou deficiente:

Eu não paro muito aqui né? Então, eu saio de manhã pra trabalhar, chego aqui já à noite praticamente, porque quando eu saio também, é pra ir pra casa dos meus parentes, meus irmãos. Tenho um irmão que mora aqui perto, aqui na Maringá né? A maioria mora no Cinco Conjuntos e um no Santa Rita, então, na realidade ,eu não fico muito aqui no final de semana né? Dificilmente eu passo aqui (Márcia, 53 anos Funcionaria Pública).

Dos cinco entrevistados apenas Maria e Celso possuem moradias próximas, e têm uma pequena amizade, proporcionada pelo encontro ocasional quando das corridas matinais praticadas por ambos³⁷. Os demais entrevistados não têm nenhuma relação de amizade pessoal ou profissional, enfim, nenhum tipo de relação que os aproxime. Tendo em vista a dificuldade para encontrar pessoas negras que residissem nos melhores bairros para se viver na cidade de Londrina, e a leitura teórica de Silva (2006) e Figueiredo (1999), é possível a conclusão de que os negros residentes em tais bairros não se deparam em seu cotidiano com a realidade vivida por seus pares, a população negra. Logo, se veem sozinhos em tais territórios, sobretudo, pela inexistência de relações com pessoas negras com condições financeiras semelhantes. O que os leva a construção de uma “nova identidade”, possibilitada pelo fato de ser esta “um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substancia” (Stuart Hall, 2009; 15).

Todavia, a “construção” desta nova identidade está condicionada à aceitação do indivíduo (negro) pelo grupo (branco) ao qual se deseja inserir, isto se deve

³⁶ Ver: Silva, Maria Nilza da. *Nem Para Todos é a Cidade* e FIGUEIREDO, Ângela. *Velhas e novas "elites negras"*.

³⁷ Estas corridas são praticadas no entorno do lago igapó, espaço comum a ambos pelo fato de residirem em suas proximidades.

ao fato que os melhores territórios para se viver foram, ao longo da história brasileira, destinados à população branca. Desta forma, o negro acaba por se assujeitar aos demais, numa tentativa de ser aceito pelo grupo, e assim formar laços de sociabilidade.

Nas franjas da cidade: o bairro União da Vitória

Contrário ao texto do subitem anterior, o atual tem por objetivo o entendimento de como vive a parcela da população negra residente em bairros periféricos da cidade de Londrina.

O território escolhido para a elaboração desta parte da pesquisa é o Jardim União da Vitória, localizado na região sul da cidade de Londrina. Este é o primeiro e mais expressivo assentamento urbano do município em termos de população e expansão, com um dos maiores índices de desemprego da cidade (DORES, 2005; 76-77). Suas primeiras ocupações ocorreram em agosto de 1985, com 15 famílias provenientes da zona rural da cidade e da favela OK³⁸.

Atualmente o Jardim União da Vitória possui uma população média de 11.930 habitantes, sem considerar as encostas (União V e VI), sendo considerado o bairro mais populoso da cidade. Os moradores mais antigos do bairro (União I, II e III) têm acesso aos serviços públicos básicos, porém de má qualidade, e os moradores mais recentes constroem suas moradias nos morros ou nas encostas com declividade acentuada com consequente risco para as famílias (DORES, 2005; 89).

Antagônica à abordagem anterior, esta foi realizada com maior facilidade, não havendo necessidade de recorrer a terceiros para o estabelecimento de vínculos com os entrevistados. Isto se deve, sobretudo, ao fato de que habitei o referido bairro por aproximadamente 15 anos. Logo, os entrevistados são pessoas com algum tipo de vínculo direto a mim, ou a meus familiares.

Já neste primeiro momento é possível a percepção de que a “segregação” vivenciada pela população negra, desde sua chegada a este país, permanece até os dias atuais. Passados mais de 120 anos da abolição da escravatura, os negros continuam a habitar, em sua grande maioria, regiões periféricas e longínquas ao centro da cidade³⁹,

³⁸ Atualmente bairro Nova Conquista.

³⁹ Ver em Rolnik, 1997.

dificultando sua sociabilidade com aqueles residentes em regiões mais próximas aos centros urbanos. Quando questionados sobre as características e relação dos entrevistados e parentes com o bairro, as repostas circundaram os mesmos problemas: a violência e insegurança vivenciada no bairro, e a falta de infraestrutura. Os entrevistados foram unâimes quando questionados sobre o tempo de deslocamento entre o bairro e seus respectivos trabalhos, localizados próximo ao centro urbano londrinense. Disseram demorar em média 40 minutos, num percurso que tem aproximadamente 16 km, utilizando-se do transporte público. Observa-se um tempo elevado de deslocamento para uma cidade com o porte de Londrina.

A falta de infraestrutura do bairro é taxada por todos os entrevistados, como verificado em alguns depoimentos:

O que eu menos gosto são as subidas, porque aqui tem muita subida (Benedita, 36 anos, Aux. Serv. Gerais).

O que eu menos gosto é dessa falta de infraestrutura, que é brava (Claudio, 37 anos, Pintor).

O que eu menos gosto é essa molecada, acho que deveria ter uma escola de curso profissionalizante pra essa molecada ficar o dia inteiro na escola (Paulo, 30 anos, Autônomo).

Entende-se, portanto, que a falta de infraestrutura marca o dia-a-dia dos moradores deste bairro, causando-lhes vários contratemplos, não os permitindo usufruir de uma melhor qualidade de vida e precarizando suas condições de sobrevivência.

Um território permeado pelo medo

Questionados sobre os espaços de lazer e entretenimento no bairro, constatou-se que não há até o presente momento um espaço para tal finalidade, apenas um projeto. Na busca de lazer e entretenimento os moradores têm que se deslocar a outros bairros, isso se deve à falta de infraestrutura, mas também à violência:

Porque acho que por medo né? Violência às vezes né? Eu mesma saio pra fora pra me divertir. (Anisia, 51 anos, Servente).

Aqui é muito violento (Claudio, 37 anos, pintor).

Muitas mães preferem que os filhos saia bairro pra se divertir do que ficar aqui (Irene, 51 anos, Domestica).

A violência vivenciada cotidianamente pelos moradores do citado bairro, é exposta diariamente na imprensa televisiva e impressa, piorando ainda mais a situação destes moradores, provocando uma estigmatização pejorativa do bairro como um todo e, sobretudo, de seus moradores, tidos pelos demais habitantes da cidade como ladrões e/ou pessoas violentas. Acabam assim, em muitas circunstâncias, por perderem postos de trabalho, o que piora ainda mais sua já precária realidade. Claudio, um dos entrevistados, afirma que devido à moradia no bairro “*a turma acha que quando você vai entrar em uma empresa você vai roubar, que você mexe com drogas, essas coisas*” (Claudio, 37anos, pintor).

Infere-se, portanto, que além das dificuldades encontradas pela má infraestrutura do bairro, seus moradores têm ainda que lidar cotidianamente com a discriminação social imposta a este, abarcando desta forma os indivíduos que lá vivem. No caso da população negra há que se levar em conta também o problema do racismo, mais um fator nocivo a esta realidade.

O não-acesso e a “resistência” diária

O fato de todos os entrevistados residentes no Jardim União da Vitória terem no máximo o ensino médio completo nos retrata uma realidade londrinense na qual a educação é pré-requisito à ascensão econômica. A presença dos dez entrevistados, nesta cidade, se deve a busca por melhor qualidade de vida, sobretudo, por melhores salários e/ou acesso a tratamento médico. Quando questionados sobre os motivos de suas respectivas vindas a Londrina, visto que nenhum dos pais, e também os entrevistados, com exceção de Elvis, são nascidos na referida cidade, as respostas se remetiam ao desejo de melhorar as condições de vida, como verificados em trechos das entrevistas abaixo:

Eu vim por doença da minha mãe (Anisia, 51anos, Servente).

[...] Ambos vieram para trabalhar [...] e eu gosto daqui por Londrina ser grande e você ter mais disponibilidade de serviço (Paulo, 30 anos, Auxiliar de Laboratório).

Eu vim a trabalho, sozinha (Benedita, 36 anos, Aux. de Serviços Gerais).

[...] se meus pais vieram eu também tive que vir, eu tinha oito anos, e eles vieram pra cá porque lá não dava mais, não dava dinheiro (Darcy, 65 anos, Domestica).

Vim por problema de saúde, pra cuidar da minha saúde (Lucia, 44 anos, Serviços Gerais).

Sete dos entrevistados vieram de cidades próximas a Londrina - Maravilha, Alvorada do Sul e Lerrovile -, cuja base econômica é a pequena agricultura. Irene, Benedita e Darcy, vieram do estado da Bahia, Piauí e Minas Gerais respectivamente, contudo, a realidade destas muito se assemelha à dos demais. A vinda destes se deu durante a infância e adolescência, logo, puderam vivenciar o cotidiano de duas realidades distintas. Quando questionados sobre a realidade vivenciada em suas respectivas cidades natal, obtiveram-se as seguintes respostas:

Em Lerrovile⁴⁰ eu morei em oitenta, e em oitenta não tinha essas coisas, Luz, rede de esgoto, era tudo a vela ou lampião, em algumas casas que a gente morou tinha luz, igual numa perto do campo de futebol mas as outras não. Então a maior dificuldade foi lá (Paulo, 30 anos, Auxiliar de Laboratório).

Eu não gostava muito não, porque era sitio né cara? Bem tranquilo, e eu gosto mais de agitação (Elvis, 33 anos, Motorista).

Porque lá não tinha condições escolares, lá não tem condições de salário bom, emprego é difícil, lá tudo é difícil (Benedita, 36 anos, Aux. de serviços gerais).

Lá a gente fica longe dos recursos, de tudo (Darcy, 65 anos, Domestica).

A mudança trouxe a todos os entrevistados, segundo os mesmos, o que estes almejavam: uma melhoria na qualidade de vida, conquistada pelo acesso a uma melhor infraestrutura, disponibilizada por cidades de médio porte, tal qual Londrina. Quando questionados sobre a avaliação que os mesmos faziam sobre suas respectivas trajetórias familiares, todos afirmaram ter havido uma significativa melhora de suas situações atuais comparadas com as de seus pais:

Melhorou muito, muito mesmo, em relação a tudo melhorou pra gente, porque a gente não tinha nada, hoje a gente praticamente tem tudo. Hoje a gente tem uma casa, tem emprego, meu pai não é muito saudável, mas ele tem uma aposentadoria, tem a casinha dele, eu tenho a minha, nossos irmãos todos tem sua própria casa (Anisia, 51 anos, Servente).

Melhorou, a gente, a tendência da gente é só melhorar (Paulo, 30 anos, Aux. de Laboratório).

Melhorou bastante, essas coisas de serviço, hoje é diferente, sem roça, teve estudo, o pouco que estudo já deu pra dar uma clareada na mente (Irene, 51 anos, Domestica).

Todavia, mesmo tendo a consciência de melhorias econômicas e sociais significativas, em relação a seus pais, os mesmos percebem que vivem ainda em situação precária:

⁴⁰ Distrito de Londrina.

O que eu mais gosto daqui, é da minha casa, mas eu não gosto do bairro (49 anos, Garçonete).

O que eu menos gosto é a da violência, os adolescentes por qualquer coisinha ta brigando, isso é o que eu menos gosto. Tem molecada demais nas ruas, e na minha rua tem bastante (Irene, 51 anos, Domestica).

Aqui é muito violento (Claudio, 34 anos, Pedreiro).

A *priori* nos é possível inferir que houve significativa mobilidade social por parte de todos os entrevistados, como já salientado teoricamente por José Pastore e Nelson do Valle Silva (2000)⁴¹, contudo, mesmo com tal crescimento estes estão na base da pirâmide econômica e social londrinense, e também não fogem à realidade de preconceito vivida cotidianamente pela população negra brasileira. Convivem assim, diariamente com a discriminação social e racial, vivenciando-as diferentemente.

As entrevistas demonstram que para parte dos entrevistados a discriminação vivenciada cotidianamente não se deve a cor negra de suas peles, e sim motivada pela estigmatização sofrida pelo bairro, frente à sociedade londrinense:

O União é mal visto né? As pessoas acham que mora ladrão (Claudio, 34 anos, Pedreiro).

Há alguns anos atrás pra gente arrumar emprego..., falava que morava no União, a pessoa não aceitava, dava uma desculpa, “ah!Vem tal dia, já preencheu a vaga”, então fica difícil (Irene, 51 anos, Domestica).

Em contrapartida, outros creem que a discriminação se dá de fato pela cor de suas peles, e relatam alguns episódios:

Ela (patroa) falou pra mim que se o marido dela (...) não por ela, mas pelo marido dela, que a hora que ele viesse almoçar não ia se sentir bem de uma pessoa de cor (...), ela não chegou a me chamar de negra né? Mas eu me senti muito humilhada, uma pessoa de cor na casa dela (Anisia, 51 anos, Servente).

Teve uma no serviço uma vez que me chamava de negrice, negrice, negrice, aí um dia.. ela disse que tava brincando, falou pra mim “vem cá macaca”, e aquilo me doeu por dentro, e eu cheguei perto dela e disse: você não fala mais isso, porque eu não gostei!, aí ela disse “aí desculpa, desculpa”, me abraçou, mas... (Irene, 51 anos, Domestica).

Ao término da leitura dos excertos acima nos é possível inferir que a população economicamente carente, como um todo, passa por situações peculiares no que diz respeito à falta de infraestrutura do bairro, má qualidade de vida, dificuldade de locomoção e a dificuldade de acesso ao lazer e ao entretenimento, independente da cor

⁴¹ PASTORE, José & SILVA, Nelson do Valle. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo, 1999.

de suas peles. Todavia, a população negra além de compartilhar de tais peculiaridades, intrínseca a população pobre, tem que lidar cotidianamente com o preconceito racial, por parte de seus companheiros de trabalho, empregadores, colegas de escola, vizinhos entre outros, o que vem a potencializar sua já difícil sobrevivência e sociabilidade.

Arol: um espaço para a sociabilidade

Em contexto nacional, a forma pela qual os negros viram a possibilidade de romper com a subjugação que vivenciavam cotidianamente, imputada, sobretudo, pela elite dirigente branca, foi por meio da criação de clubes negros, fato que ocorreu inicialmente entre as décadas de 20 e 30, do século XX⁴². É inspirado nestes clubes, que nasce o primeiro espaço negro londrinense.

Data do ano de 1936, dois anos após a fundação de Londrina, a chegada do pioneiro Cypriano Manoel a esta cidade. Veio, assim como muitos outros, em busca de trabalho, e se pôs na função de motorista do Sr. Arthur Tomas, chefe da Companhia de Terras do Norte do Paraná (empresa responsável pela colonização de Londrina) e também um dos principais fundadores da cidade. “Chegou à Londrina e aos poucos foi escrevendo as primeiras linhas da história da presença negra na cidade” ⁴³ é assim que Idalto Jose de Almeida⁴⁴ se refere ao falar de Cypriano.

Em Londrina a segregação territorial entre brancos e negros, assim como no restante do país, não era novidade, segundo depoimentos de negros residentes nesta cidade⁴⁵, os negros eram discriminados e por isso não frequentavam alguns clubes da época, como o Country Clube, Grêmio e Arel, presentes ainda hoje na cidade⁴⁶.

Nessa perspectiva, e, inspirado em movimentos e/ou organizações de outras regiões do país, Cypriano organizou e presidiu o clube, que em um primeiro momento obteve o nome Quadrado (este nome foi escolhido em contraposição a outro clube existente na cidade, cujo nome era “Redondo” frequentado exclusivamente pela população branca). O Quadrado não era de exclusividade negra, pois Cypriano não

⁴² REIS, Cláudia. *O movimento negro e a relação classe / raça*. Rev. Espaço Acadêmico, São Paulo, n.40, 2004.

⁴³ ALEMIDA, Idalto Jose de. *Presença Negra em Londrina: História da caminhada de Povo*. PROMIC, 2004.

⁴⁴ Militante do Movimento Negro em Londrina.

⁴⁵ Almeida, 2004.

⁴⁶ DINIZ, Larissa Mattos e BORGES, Eduardo Baroni. *A população negra em Londrina: uma luta por reconhecimento*. In: *As representações do negro em Londrina: O silenciamento e a invisibilidade*. Mimeo: Curso de formação continuada em relações étnicorraciais e cultura AfroBrasileira para a Rede Estadual de Ensino. Universidade Estadual de Londrina - Projeto LEAFRO, 2010.

objetivava a delimitação entre brancos e negros ao criar o clube, e sim favorecer a sociabilidade, combater o preconceito racial na cidade, que o Quadrado fosse um espaço de lazer, além de proporcionar o desenvolvimento cultural dos seus membros.

O primeiro e único clube negro⁴⁷ de Londrina nasce sem um espaço próprio, e devido à falta de recursos por parte dos sócios, se vê obrigado a alugar espaços para realização de eventos e reuniões. Em 1959, o então prefeito da cidade Antônio Fernandes Sobrinho, propõe como alternativa a mudança de nome do clube Quadrado, que já havia mudado de nome para “Clube Recreativo Princesa Isabel⁴⁸”, para “Associação Recreativa Operária de Londrina” – AROL. A justificativa dada para a mudança de nome, feita pelo gestor público, foi para que não houvesse a restrição de outras etnias a este clube, uma vez que, segundo ele, não havia a existência de segregação entre negros e brancos em nossa cidade. Em troca o clube recebeu uma sede própria, próxima à área central de Londrina⁴⁹, onde permaneceu por aproximadamente 15 anos.

Todavia, devido a dificuldades administrativas e à morte de seu fundador, Cypriano Manoel, em 1964, finda-se o clube, tendo seu terreno sido retomado pela prefeitura. Morre assim, junto a Cypriano a primeira real possibilidade de se estabelecer um espaço para sociabilidade da população negra próximo ao centro urbano londrinense, em outras palavras, próximo à cidadania.

Conclusão

As considerações a que se chegam com o término deste trabalho são as seguintes: aqueles que residem em espaços cuja população negra está inferiormente representada, sentem que estão em um território “hostil”, suas atitudes cotidianas são tomadas em favor de sua aceitação em tal espaço e acabam desta forma, se engessando e se submetendo àquilo que é aceito pela “vizinhança” branca. Em outras palavras, as pessoas as quais entrevistei residentes em bairros com melhor infraestrutura, tentam “passar” de forma despercebida no dia a dia, para não incomodar aqueles, que historicamente “construíram” uma história onde os territórios foram divididos, cabendo

⁴⁷ Nome designado ao clube do Quadrado pelo Londrinenses.

⁴⁸ Em homenagem a Princesa que assinou a carta de alforria dos escravos no Brasil.

⁴⁹ Situado a rua Araguaia, 146 – jardim Vila Nova.

assim um papel marginal à população negra, e a protagonização da vida cotidiana à população branca.

Já aqueles residentes em bairros marginalizados se sentem mais discriminados quando fora de seus respectivos espaços e acabam assim, por se resignaram, acreditando que a periferia é a região a qual de fato pertencem. Tal pensamento faz com que esta parte da população negra se habitue a um cotidiano cujo direito a cidadania se dá de forma deficiente.

Verifica-se também o lento caminhar da história, sobretudo na vida cotidiana dos indivíduos. A escravidão oficial do negro, mesmo extinta há mais de 120 anos no Brasil, continua a influenciar a vida de milhões de brasileiros negros, que mesmo ignorantes sobre o período escravocrata, sofrem cotidianamente devido aos resquícios de sua herança racista. A leitura de clássicos como Florestan Fernandes, Roger Bastide e Carlos Hasenbalg, escritos nas décadas de cinquenta, sessenta e oitenta, do século XX, continua atual, devido, sobretudo, a manutenção das limitações sociais vivenciadas pela população negra em nossa época atual.

É importante salientar que ao longo das leituras, junto às entrevistas, houve a constatação de melhoria na qualidade de vida da população negra. Todavia, esta melhoria esteve disponível à população brasileira como um todo. Constatou-se, portanto, que a ascensão na qualidade de vida da população negra foi acompanhada de forma desproporcionalmente menor em relação à população branca, mantendo assim a distância entre negros e brancos na pirâmide social.

A importância deste trabalho se dá na medida em que a população londrinense, em sua grande maioria, não se dá conta de tal dinâmica, permanecendo assim impossibilitada de atuar em prol de uma possível mudança desta realidade social.

Referencia Bibliográfica

- ANTUNES, Celso. **Geografia e participação: as regiões do Brasil.** 3^a ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo.** 1^a edição, Editora: Anhembi, São Paulo, 1955.
- BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: **Tratado de Sociologia.** Org: Raymond Boudon. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1996.
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** São Paulo: editora34, 2000.
- DÁVILLA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945**, trad: Claudia Sant'ana Martins, - São Paulo, Ed UNESP, 2006.
- DIWAN, Pietra. **Raça pura: Uma História da Eugenia no Brasil e no mundo.** Editora Contexto, São Paulo, 2007.
- ELIAS, Norbert, **A Sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.
- FIGUEIREDO, Ângela. **Velhas e novas "elites negras".** In: MAIO, M. C.; VILLAS-BÔAS, G. (Orgs.). *Ideais de modernidade e sociologia no Brasil: ensaios sobre Luiz de Aguiar Costa Pinto.* Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** DP&A, Rio de Janeiro 2002.
- _____. **Da Diáspora: identidades e Mediações Culturais.** Editora UFMG, 2009.
- HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** 2^a edição, Editora UFMG, Belo Horizonte, 2005.

HASENBALG, Carlos e SILVA, Nelson do Valle (eds.). **Estrutura Social, Mobilidade e Raça**. Rio de Janeiro, IUPERJ/Vértice, 1988.

HOFBAUER, Andreas. *Roquette-Pinto: uma vida dedicada ao progresso da nação*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol.22. N° 44. Dezembro de 2009.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Identidade étnica em re-construção**: a ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo, na perspectiva existencial humanista. Belo Horizonte: S.E, 2004.

VELHO, Otávio Guilherme. **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987, 1^a Ed.

REIS, Cláudia. **O movimento negro e a relação classe / raça**. Rev. Espaço Acadêmico, São Paulo, n.40, 2004.

ROLNIK, R. **A Cidade e a Lei - legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP, 1997.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. Editora Nobel, São Paulo, 1987.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **Movimento negro e Estado: o caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra**. 1^a. ed. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo/ Coordenadoria Especial do Negro, 2007. v. um. 183p.

SILVA, Maria Nilza da. **Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo**. 1. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares - Ministério da Cultura, 2004.

SILVANO, Filomena. **Antropologia do Espaço**. 2^o Ed, Ed. Celta, Lisboa, 2007.

WIEVIORKA, Michel, **O racismo – Uma introdução**, trad. port., Lisboa, Fenda, 2002.